

**“INVASÃO” VERSUS “OCUPAÇÃO” DO CENTRO SOCIAL URBANO
ENGENHO DO MEIO: ANÁLISE DE CONTEÚDO DE DUAS ENTREVISTAS
SEMIESTRUTURADAS**

**“INVASION” VERSUS “OCCUPATION” OF THE URBAN SOCIAL CENTER
ENGENHO DO MEIO: CONTENT ANALYSIS OF TWO SEMI-STRUCTURED
INTERVIEWS**

Alex Barbosa Abreu Pinto¹

Resumo: O presente artigo consiste em um recorte de uma breve pesquisa realizada para fins de avaliação do aprendizado, no âmbito da disciplina ‘Métodos qualitativos e análise avançada de dados’, ministrada pela profa. Dr.^a. Selma Leitão, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Realizou-se análise de conteúdo de duas entrevistas semiestruturadas, ambas realizadas em dezembro de 2019, buscando-se conhecer os sentidos atribuídos ao movimento social de ocupação de um espaço público localizado em um bairro do Recife – o Centro Social Urbano Engenho do Meio (CSU). O estudo contou com duas participantes: uma antiga moradora do bairro (M.) e uma ocupante do CSU (S.). A análise revelou que, para M., a ocupação se trata de um acontecimento negativo e indesejado; contrariamente, para S., trata-se da possibilidade de realização de um sonho e de um meio de promoção de valores humanos como dignidade e companheirismo.

Palavras-chave: Análise de conteúdo; Movimento social; Pesquisa qualitativa; Sentido.

Abstract: This article consists of an excerpt from a brief survey carried out for the purpose of assessing learning, within the scope of the discipline ‘Qualitative methods and advanced data analysis’, taught by the professor. Dra. Selma Leitão, in the Cognitive Psychology’s Post-Graduate Program of the Federal University of Pernambuco (UFPE). Content analysis of two semi-structured interviews was carried out, both on december, 2019, aiming to understand the meanings attributed to the social movement of occupation of a public space located in a neighborhood of Recife - the Engenho do Meio Urban Social Center (CSU). The study had two participants: a resident of the neighborhood (M.) and an occupant of the CSU (S.). The analysis revealed that, for M., the occupation is a negative and unwanted event; conversely, for S., it is about the possibility of realizing a dream and a means of promoting human values such as dignity and companionship.

Keywords: Content analysis; Social movement; Qualitative research; Meaning.

1 Introdução

Entre 2013 e início de outubro de 2019, o Centro Social Urbano do Engenho do Meio, localizado em bairro homônimo, na cidade do Recife, encontrava-se desocupado, e era utilizado quase exclusivamente para atividades de tráfico e uso de drogas. Antes disso, funcionava neste espaço o projeto ‘Aldeias Infantis SOS’. Com o fim do projeto, em 2013, passaram a ser discutidas, entre políticos e lideranças do bairro do Engenho do Meio, algumas propostas, como a criação de uma ‘UPA’, a criação de uma creche, a

¹ Doutorando em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: alex.abreu@ufpe.br

transferência de um ‘batalhão de rádio patrulha’, que viria então do bairro da Boa Vista. No entanto, nenhuma dessas propostas se concretizaram. Então, no início de outubro de 2019, pessoas de bairros diversos da cidade do Recife – mas, principalmente, da comunidade Roda de Fogo, que faz limite com o bairro do Engenho do Meio – iniciaram movimento social de ocupação do Centro, trazendo ao local, dia após dia, pertences, móveis, materiais de construção etc. O movimento foi ganhando força e, atualmente², moram no espaço aproximadamente duas centenas de ocupantes, entre homens, mulheres, idosos, jovens e crianças, além de funcionarem, dentro e fora do espaço, pequenos comércios. No entanto, para muitos moradores do bairro do Engenho do Meio, a prosperidade da ocupação significa, contrariamente, desconforto e incômodo.

2 Contextualização

2.1 Sobre o bairro Engenho do Meio

O Engenho do Meio é um bairro tradicional do Recife, historicamente conversador³. O nome do bairro se origina de um engenho que existiu no local, e que pertenceu, inicialmente, a Álvaro Velho Barreto, tendo sido, posteriormente, confiscado (por conta de dívidas) e vendido ao holandês Jacob Stachower, alto funcionário do governo holandês no Recife. Com a partida de Stachower, do Recife, passou a cuidar do engenho o combatente João Fernandes Vieira (MELLO, 2013). Mesmo com as várias trocas de proprietários, o bairro foi se constituindo com o povoamento das terras pelos trabalhadores da propriedade. Com o falecimento de João Fernandes Vieira, em 1681, as terras do engenho passaram a pertencer à dona Maria César, sua mulher, que continuou morando na casa grande do engenho. A casa grande resistiu até o final da década de 1940, quando então a estrutura desgastou-se até as ruínas, com o desdobramento das obras que vieram a gerar o campus universitário onde hoje se situa a Universidade Federal de Pernambuco.

Atualmente, o bairro do Engenho do Meio possui população residente de 10.211 habitantes, sendo a população por sexo composta de 4.609 homens (45,15%) e 5.602 mulheres (54,86%). Por faixa etária, a população é em sua maioria composta por pessoas entre 25-59 anos (51,34%). A taxa de Alfabetização da população, dada pelo percentual

² Março de 2021.

³ Isto é, no sentido de oposição às mudanças, de não aceitação de inovações morais, sociais, políticas, religiosas, comportamentais.

das pessoas de 10 anos ou mais de idade capazes de ler ou escrever pelo menos um bilhete simples é de 96,1 %. Quanto à densidade demográfica de habitante/hectare é de 117,54, com um total de 3.053 domicílios e a média de moradores por domicílio é de 3,3 habitantes/domicílio. Com uma renda nominal média mensal (por domicílio) de R\$ 2.594,45, o percentual de mulheres responsáveis pelo domicílio é de 46,09%. Mello (2013) assim descreve de uma forma geral o bairro: “Bairro residencial, o Engenho do Meio é dominado por casas, o que lhe confere um clima especial de moradia, tranquilidade e família”. Trata-se, assim, de realidade bem diversa daquela da comunidade Roda de Fogo, de onde partiu a maioria dos atuais ocupantes do CSU, e que faz limite com o bairro do Engenho do Meio.

2.2 Sobre a comunidade Roda de Fogo

Em 1987, algumas famílias, buscando habitação, ocuparam uma área de 60 hectares que pertencia ao Governo Federal. Desde que chegaram, as famílias foram pressionadas a deixarem a terra, tendo, no entanto, resistido, protagonizando um processo de luta para a garantia do direito à moradia. As famílias ocupantes realizaram formação política e assembleias, passeatas e reuniões para pressionar o governo estadual e negociar a permanência no local. Com tal articulação, os ocupantes conquistaram concessões de uso da terra, planejaram e implementaram o processo de organização da comunidade, nomeação das ruas, garantia dos lotes prioritariamente em nome das mulheres, entre outras ações. Mais recentemente, os ocupantes conquistaram o direito à escritura definitiva de suas casas.

Atualmente, com 34 anos de existência, a comunidade Roda de Fogo é uma localidade populosa e próspera, principalmente no que diz respeito ao seu intenso e expressivo comércio. A comunidade possui aproximadamente 25 mil habitantes, e continua com intensa vida política.

2.3 Sobre a “Ocupação Roda-Engenho”⁴

Como já mencionado, o movimento social de ocupação do CSU (hoje conhecido por muitos moradores do entorno como “Ocupação Roda-Engenho”), iniciou objetivamente em outubro de 2019. Habitantes de bairros diversos, com dificuldades de

⁴ Nome dado pelas lideranças que ocuparam o CSU.

moradia (dificuldades relacionadas, por exemplo, ao pagamento de taxas de aluguel, água e luz) e/ou mesmo sem moradia (moradores de rua), na primeira semana de outubro, chegaram ao CSU, transportando móveis e objetos os mais diversos, em carroças de mão ou nos braços, e foram erguendo e elaborando estruturas (barracos de lona, suportes de fiação) no local, transformando o espaço abandonado em um espaço residencial e, inclusive, comercial (há barbearia, lanchonetes, “brechó” de peças têxteis etc.). À ocupação, foram atribuídos sentidos os mais diversos, o que se refletiu em manifestações de apoio ou de resistência ao/do movimento de ocupação, em declarações de desprezo ou medo por parte de alguns moradores do bairro do Engenho do Meio. Foi buscando conhecer em alguma medida esses sentidos que esse trabalho foi desenvolvido, realizando-se análise de conteúdo de duas entrevistas semiestruturadas, ambas realizadas no dia 04 de dezembro de 2019. Participaram desse breve estudo duas mulheres moradoras do bairro, com posições e opiniões antagônicas sobre o mesmo fenômeno de ocupação desse espaço.

3 Metodologia

3.1 Participantes

Participaram dessa pesquisa duas moradoras do bairro, em situações bem distintas: uma moradora que vive há 45 anos na mesma casa própria, e uma moradora da *Ocupação Roda-Engenho*. A seleção de uma das participantes (M.) foi feita também segundo critério de conveniência: M. é dona de propriedade (casa) próxima à residência do pesquisador, e que, também, é situada nos arredores do CSU. A segunda participante, S., na verdade substituiu aquele que seria o outro participante, que não compareceu à entrevista marcada. S. foi convidada por M., minutos após M. ser entrevistada.

3.2 Sobre participante M.

- Sexo: feminino
- Idade: 45 anos
- Escolaridade: possui segundo grau completo.
- Moradora do bairro (casa própria) desde 1974. Segundo ela, seus avós foram dos primeiros moradores do bairro: “Aqui só era tudo mato, num tinha casa nenhuma (...). Eles foram os primeiros que vieram morar aqui”. Pai falecido e mãe ainda viva. O local

em que ocorreu a entrevista foi a casa hoje habitada por M., sua mãe e seus filhos. M. é divorciada, possui dois filhos, homens, e possui quatro irmãs. M. possui um estabelecimento comercial no bairro, próximo ao CSU. M. declara-se contrária à ocupação do CSU.

3.2 Sobre participante S.

- Sexo: feminino
- Idade: 38
- Escolaridade: superior incompleto (curso de administração).
- “Nasci e me criei em vários bairros. Comecei a morar no DETRAN, Iputinga (bairro), com minha mãe, aí minha mãe precisou trabalhar, e morei com minha tia, e depois vim morar em Roda de Fogo (então com 9 ou 10 anos de idade), com minha outra tia, pois ela precisou trabalhar em casa de família. Depois me mudei para o Engenho do Meio, pois meu avô tinha problema de saúde e não podia andar, só comia ou bebia se eu desse (cuidadora do avô). Ele morreu aqui (...) E depois cada uma teve de seguir seu rumo.”. S. não possui filhos. É solteira. É ex-integrante do MNLM (Movimento Nacional da Luta por Moradia). S. atualmente habita em um barraco, na ocupação. Chegou ao CSU com os primeiros ocupantes. Declara-se a favor da ocupação.

3.3 Procedimentos para construção dos dados

Para consecução do objetivo foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, uma com cada participante, individualmente. As duas entrevistas semiestruturadas objetivaram, como já indicado na introdução, conhecer alguns dos sentidos atribuídos ao movimento de ocupação do Centro Social Urbano Engenho do Meio (CSU).

As mesmas seis perguntas foram feitas a cada uma das duas mulheres participantes. As perguntas, todas em torno do tema “ocupação do CSU”, foram as seguintes: 1) Qual a sua opinião sobre esse movimento em relação ao bairro em geral?; 2) Para você, há um ou mais pontos positivos? Qual ou quais?; 3) Para você, há um ou mais pontos negativos? Qual ou quais?; 4) Quando o movimento iniciou, o que representou para você? O que você pensou a respeito?; 5) Atualmente, o que o movimento representa para você, o que você pensa a respeito?, e 6) O que você enxerga como futuro desse movimento?

As participantes foram informadas de que o pesquisador era estudante do curso de doutorado em psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, e que precisava de ajuda para realizar uma breve pesquisa, exigência de uma disciplina do curso. Assim, as participantes foram convidadas a participar de uma entrevista, a “responder a seis questões sobre a ocupação do CSU”, tema do trabalho escolhido pelo estudante. As participantes foram informadas de que a entrevista duraria entre 10 e 15 minutos (duraram pouco mais ou pouco menos de 10 minutos, cada uma). As participantes foram informadas sobre a necessidade de gravação (áudio) das entrevistas, com o que consentiram. Foram informadas também de que teriam suas identidades preservadas, de que não seriam identificadas no trabalho. As entrevistas foram realizadas na residência da participante M., que fica situada próximo ao CSU.

As duas entrevistas foram realizadas no dia 04 de dezembro de 2019. A transcrição das audiografações das entrevistas foi realizada entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2019.

4 Análise de conteúdo

Aqui, compreende-se análise de conteúdo como sendo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 2009, p. 44). A análise de conteúdo empreendida sobre o material transcrito das duas entrevistas foi predominantemente uma análise de caráter *qualitativo*, refletindo maior afinidade com a seguinte definição: "una técnica de investigación destinada a formular, a partir de ciertos datos, inferencias reproducibles y válidas que puedan aplicarse a su contexto" (KRIPPENDORF 1997, p. 28 apud FINKEL; GORDO, 2002, p. 5). Nesse sentido, interessou à análise menos a frequência de ocorrência de algumas palavras ou sentenças do que interessou o caráter simbólico de algumas palavras ou sentenças, tendo este sido inferido a partir de elementos contextuais (história dos bairros, história do CSU, história de vida das participantes, elementos prosódicos que matizaram as falas das participantes etc.).

Após realizada leitura flutuante das duas transcrições, seguindo proposta de Finkel e Gordo (2002, p. 7), foram eleitas as unidades de registro: *palavras* e *unidades semânticas*. Após análise e agrupamento das unidades de registro, foram construídas duas

categorias. As categorias surgiram orientadas à consecução do objetivo e foram organizadas com base nas seis perguntas feitas às participantes, e segundo temas recorrentes em suas falas nas entrevistas. Assim, foram observados – e gerados – três grandes temas: 1) *Percepções iniciais sobre a ocupação* (pergunta 1, 2, 3 e 4); 2) *Percepções atuais sobre a ocupação* (perguntas 1, 2, 3 e 5) e *Previsões sobre a ocupação* (pergunta 6). Dentro de cada tema, foram geradas duas categorias: a) *A ocupação para o bairro*, e b) *A ocupação para mim*. Buscou-se com isso conhecer os sentidos atribuídos pelas participantes ao(s) impacto(s) causado(s) pela ocupação em um nível mais abrangente (isto é, de que modo a ocupação repercutiu na vida dos moradores do bairro), e ao(s) impacto(s) causado(s) pela ocupação em suas próprias vidas, do início de outubro até o dia em que ocorreu as entrevistas. Desse modo, nos quadros a seguir (quadros 1, 2 e 3), estão explicitados os *temas*, as *categorias*, as *unidades de registro* – que dizem respeito a extrações (ou inferências) das falas das participantes – e as *unidades de contexto*, de onde foram extraídas (ou inferidas) as respectivas *unidades de registro*, e que correspondem a turnos inteiros de falas, ou a trechos de falas das participantes. Enfatiza-se que as unidades de registro nem sempre correspondem literalmente ao material bruto da transcrição, mas, em alguns casos, a uma inferência do pesquisador.

Quadro 1: Percepções iniciais sobre a ocupação

Tema 1: Percepções iniciais sobre a ocupação				
Categorias	Unidades de registro (M.)	Unidades de registro (S.)	Unidades de contexto (M.)	Unidades de contexto (S.)
1. A ocupação para o bairro	- “Pegou feio” - Invasão - Susto -Insegurança	- Integração - União	- Isso aí para o bairro em geral eu achei que pegou... Feio, entendeu? Pegou um negócio muito feio porque a gente não tá acostumada.. De, ter assim uma invasão perto aqui (...) De repente a gente tomou um susto né, com essa invasão. - Um batalhão vindo pra comunidade era bem melhor, porque tem até segurança né (...) Do que tá do jeito que tava e agora que tá né (...) Nessa invasão tem muita gente de bem, que a gente sabe, mas (...) Tem	- Pessoas que, aderiram, né? (...) Se integraram ao movimento (...) Vieram participar conosco. -Veio chegando gente do engenho do meio, entendeu? De outros bairros que foi se integrando ao movimento (...) Eu vi também assim, o movimento é mais companheirismo...

			<p>pessoas também errada</p> <p>- A gente pensava até, que era,(...) O povo correndo atrás de bandido, porque a turma chamou até a polícia...</p>	
2. A ocupação para mim	- Susto	- Ocupação x possibilidade de despejo (e de resistência)	- Eu fiquei assustada, entendeu? Porque foi aquele tumulto, era os pessoal invadindo aí, cada um com um facão, e aparecia telha, pedaço de pau...	- Eu pensei assim, ocupação: ele vai dizer o espaço, e a gente vai chegar, ocupar, pode ser que tenha... Pedido de despejo, pode ser que a gente (...) Cumpra uma resistência. Governo mande desocupar, desapropriar, chegue o dono entendeu? Estava assim: veio ocupar, mas a gente tá, pacífico, mas sabendo que pode vir isso isso aqui entendeu?

Fonte: (PINTO, 2019).

Quadro 2: Percepções atuais sobre a ocupação

Tema 2: Percepções atuais sobre a ocupação				
Categorias	Unidades de registro (M.)	Unidades de registro (S.)	Unidades de contexto (M.)	Unidades de contexto (S.)
1. A ocupação e o Bairro	- Chateação - Politicagem - Necessidade de moradia x bagunça (“foguetear”)	- “Como algo de ruim” (na percepção dos moradores) - Movimentação - Mais segurança	- Fica um lance até assim meio... Chato assim pra comunidade - ...se fosse os invasores (...) Pra querer terra mesmo (...)Invadia tudinho (...) Tem politicagem atrás, disso (...) Os agitadores mesmo, deveriam tá aí dentro, meter a cara, mas (...) Não tão aí! Tão (...) Cada um na sua casa meu fio, nas suas mordomia! - Tem gente que precisa, de casa, realmente, mas tem gente que tá aí que não precisa, que tá aí pra foguetear (...) Pra tá assim brigando, tirando onda, consumindo droga (...) Prejudica outros que tão aí que tá lutando pra ter seu pedacinho . Mas tem	- O bairro vê esse movimento como algo de ruim (...) A gente ocupou, aí o pessoal já, recrimina, não vê que o pessoal, tá certo tem gente de bem, tem gente de mal - eu acho que fica mais movimentado o bairro! (...) Já teve vários assaltos, vários sequestros. Aqui (...) Vários sequestros (...) Consumo de droga...

			gente que não precisa e tá aí	
2. A ocupação para mim	- “Em frente aqui da rua”	- Possibilidade de moradia - Luta (por moradia)	- Ponto positivo não teve né, porque, fica bem assim, em frente aqui da rua ⁵	- (Sorrindo) pra mim... Atualmente ele tá representando os, vamo dizer que, sempre que eu sonhei, em ter meu canto (...) Não tenho onde morar, não tinha, - Esse movimento teve, me trouxe a oportunidade de eu lutar e saber que, ahhr, eu não vou encontrar nada fácil, eu vou ter que lutar, e, pra conquistar um espaço

Fonte: (PINTO, 2019).

Quadro 3: Previsões sobre a ocupação

Tema 3: Previsões sobre a ocupação				
Categorias	Unidades de registro (M.)	Unidades de registro (S.)	Unidades de contexto (M.)	Unidades de contexto (S.)
1. A ocupação e o Bairro	- Os ocupantes deixarão o bairro (incerteza)	- Os ocupantes deixarão o bairro (incerteza)	- Eu acho que, o futuro dele (da ocupação) ali, eu acho que só deus mesmo viu, porque.. eles tão aí, muitos políticos sabem, desse movimento, o próprio, prefeito, o próprio governador, eles não tao nem aí, eu acho que nesse exato momento não tao nem aí (...) mas eu acho que aí dentro do órgão, do centro social, eles (inaudível) não vão ficar não (...) porque até eles mesmo tão até arriscando a própria vida deles (...) Mãe de família que fica até com medo de dormir de noite... Porque uns luta pra querer seu pedacinho de terra, mas tem gente que não tá nem aí só tá por vandalismo, por anarquia, por arriação, por aventura, por aventurar!	- Se deus quiser vai entrar em negociação com o secretário de habitação, com o secretário das cidades, governador, prefeito, e que consiga, né, pelo menos tirar dois por cento de icms aí que a gente arrecada todo, todo mês aí, pra fazer, esse habitacional e, e favorecer umas trezentas ou duzentas e cinquenta famílias que estão aí

⁵ A rua onde M. mora e trabalha.

<p>2. A ocupação para mim</p>	<p>- Recupera a segurança, o não “chato”, o não “feio” (incerteza)</p>	<p>- S. Obterá moradia “se deus quiser” (incerteza)</p>		<p>- Se deus quiser vai entrar em negociação com o secretário de habitação, com o secretário das cidades, governador, prefeito, e que consiga, né, pelo menos tirar dois por cento de icms aí que a gente arrecada todo, todo mês aí, pra fazer, esse habitacional e, e favorecer umas trezentas ou duzentas e cinquenta famílias que estão aí</p>
--------------------------------------	--	---	--	--

Fonte: (PINTO, 2019).

5 Resultados e discussão

De modo a não extrapolar os limites deste artigo, serão discutidas apenas algumas das questões que se fizeram evidentes ao pesquisador após a análise do conteúdo das transcrições e, também, durante o processo de categorização dos dados. De um modo geral, a discussão a seguir buscará abranger pontos que traduzem a tensão existente entre as percepções que M. e S. possuem acerca do mesmo fenômeno. Evidentemente, como se pode inferir a partir dos dados trazidos na seção anterior, de um modo geral, M. e S. se posicionam de modo antagônico em relação à ocupação do CSU. Para M., o movimento se trata de uma “invasão”, para S., trata-se de uma “ocupação”. Apesar da proximidade em termos de significado, o léxico *invasão* é impregnado de alguns sentidos que não são encontrados na carga semântica do léxico *ocupação*, como se pode observar entre alguns significados dicionarizados destes termos “ocupação” e “invasão”:

Invasão: 1. ato de penetrar (em local, espaço etc.), ocupando-o pela força. migração acompanhada de violência e destruições. 2. figurado (sentido): desrespeito, desconsideração, esp. em relação à vida pessoal de outrem; usurpação. 3. brasileirismo: terreno, área ilegalmente ocupada por moradias populares. 4. direito internacional público: entrada, sem prévia autorização, de forças armadas estrangeiras em território de um Estado. 5. direito penal: crime que consiste na entrada, sem autorização, em estabelecimento de trabalho com o objetivo de prejudicar as atividades normais ou danificar o próprio estabelecimento (INVASÃO, 2019).

Ocupação: 1. ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse. 2. ato de trabalhar em algo; o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; serviço (OCUPAÇÃO, 2019).

O termo “ocupação” surge apenas uma vez na fala de M., mas não para se referir à atual ocupação do CSU, mas à necessidade de batalhões policiais:

E⁶. Já tinha uma, um projeto do que fazer aí?

R. É porque assim, a gente da comunidade tava querendo tomar logo conta já que tava abandonado né, que veio, vieram várias secretarias, e, nada né? Tava certo praí ser realmente uma rádio patrulha, pelo um coronel, o coronel tava disposto vim, certo, policiamento vim pra ir pro centro, pra tomar conta, mas depois que esse coronel se aposentou teve quando saiu o licenciamento dele, durante três meses o outro que entrou disse que não era, é, do... Como é... Não era do jeito dele, ele não queria vim praqui, não era do interesse dele botar um batalhão aqui dentro do centro, porque ele disse que num ia ficar assim, tomando conta mais de um batalhão e outros batalhões precisando de *ocupação* que o governo disse que não ia ajudar.

Por outro lado, M. faz uso frequente do termo “invasão”, e sempre para se referir ao atual movimento de ocupação do CSU:

Não tá acostumada.. De, ter assim uma *invasão* perto aqui

(...)

Tomou um susto né, com essa *invasão* que houve

(...)

Nessa *invasão* tem muita gente de bem, que a gente sabe, mas também tem pessoas também errada que todo mundo...

(...)

Sem terra mesmo pra querer um pedaço só, eles *invadiam* tudinho⁷, não era só um pedacinho

(...)

Eles tinham *invadido* tudo, aí, porque se fosse esses *invadando* (inaudível, parece uma frase aglutinada - *invasores* precisando?) de casa mesmo, eles *invadia* tudinho pra fazer movimento pra chamar atenção do governo, mas não, eles só *invadiram* um pedaço em que tava, é, desocupado

(...)

R. Porque se fosse os *invasores* pra querer terra mesmo, ele *invadia* o campo, *invadia* o outro lado, *invadia* tudinho.

(...)

Que tem político atrás disso, que mandou eles *invadir* só esse lado tá abandonado, não *invada* o campo e nem o outro lado

(...)

Pessoal *invadindo* aí, cada um com um facão...

(...)

A turma chamou até a polícia pra vim aí (inaudível) *invasão*

(...)

R. Isso foi umas oito horas da manhã que começou a *invadir*...

S. utiliza apenas uma vez o termo “invasão” ao longo da entrevista. No entanto, pareceu utilizar o termo apenas para se referir à opinião dos moradores do bairro sobre o movimento.

E: Você vê mais algum ponto negativo?

R: Não. No momento só esse. Só esse, assim, assim, o pessoal também assim eu olho que *o pessoal critica muito porque é invasão* porque *ninguém precisa*, julga muito, entendeu? Isso eu acho um ponto negativo. *O pessoal visto, pra, pra dentro do movimento.*

E: Sim. No caso, o pessoal de fora

R: Julgando né, que *só tem gente que não presta, que só tem gente errado*, entendeu?

⁶ E = Entrevistador; R = Respondente

⁷ Algumas áreas do CSU (campos de futebol, sala de capoeira) não foram ocupadas.

E: Sim. Entendi.

R: entendeu? *Mas não é isso.*

Aqui S. parece estar reproduzindo literalmente a opinião dos moradores do bairro sobre o movimento. “O pessoal visto, pra dentro do movimento” quer dizer “como os moradores nos enxergam”. Ou, inclusive, a opinião de M. sobre a ocupação. A crítica dos moradores, segundo a fala de S. acima, é a seguinte: 1) trata-se de invasão; 2) ninguém (invasor) precisa (do espaço), e 3) só tem gente que não presta/errado.

Esta fala de S., acima, repercute e discorda (e tenta explicar ao pesquisador) da opinião enviesada dos moradores, refletida nas seguintes fala de M:

Pegou um negócio muito feio porque *a gente*⁸ não tá acostumada, de, ter assim uma invasão

(...)

Como é que esses pessoal tá precisando de uma casa? (...) Tem carro! Vai pra suas casa simhora, porque na hora de assinar, é cheio, tá lotado⁹. E quem fica aí é quem? Pouco. *Aqueles que fica aí é que gosta de tá na anarquia, no consumo de droga, no consumo de dança, bebedeira! A maior cachorrada!*

Já em relação ao termo “ocupação”, por outro lado, S. utiliza-o com frequência em suas falas, para se referir ao mesmo movimento:

Aí a gente *ocupou*, aí o pessoal já, recrimina

(...)

Isso já existia no Engenho do Meio, só que, existia nesse espaço, antes de agente *ocupar*

(...)

Tudinho o pessoal e disse: “Ó, a gente vai *ocupar* espaço” (...) “A gente vai ocupar e vai morar.”. Tá certo. Combinou articulou tudinho foi várias reuniões, e no dia determinado pela organização a gente veio e *ocupou*. (...)

Eu pensei... Não assim, normal, eu pensei assim, *ocupação*: ele vai dizer o espaço, e a gente vai chegar, *ocupar*, pode ser que tenha... Pedido de despejo, pode ser que a gente (...) Cumpra uma resistência. Governo mande *desocupar*, desapropriar, chegue o dono entendeu? Estava assim: veio *ocupar*, mas a gente tá...

Cabe aqui ressaltar que constituiu inclusive uma das preocupações do pesquisador não nomear o “movimento” antes de ele ser nomeado pelas próprias entrevistadas, o que, nos dois casos, ocorreu logo nos primeiros momentos das entrevistas:

⁸ É interessante notar que, assim como M. integra frequentemente *outros* ao seu discurso através da locução pronominal “A GENTE” (semanticamente equivalente à 1ª pessoa do plural), também S. o faz. Evidentemente que “A GENTE”, nas falas de M., representam sempre os moradores; nas falas de S., o ocupantes.

⁹ A fila.

E: A primeira pergunta é: qual a sua opinião sobre esse movimento aí? (aponta para o espaço). Em relação ao bairro em geral?

R: Isso aí para o bairro em geral eu achei que pegou... Feio, entendeu? Pegou um negócio muito feio porque a gente não tá acostumada.. De, ter assim uma *invasão* perto aqui (**Fala de M.**)

(...)

E: Qual a sua opinião, sobre esse movimento, desse movimento em relação ao bairro em geral? Que é que ele representa pra o bairro em geral, o bairro do Engenho do Meio?

R: Assim, pro bairro, o bairro vê esse movimento como algo de ruim

E: Ahã

R: Entendeu? Que chegou aqui. Mas não olha que falta políticas públicas pra parte de habitação num, no contexto geral, Recife Pernambuco

E: Sim

R: Aí a gente *ocupou*, aí o pessoal já, recrimina (**Fala de S.**)

Mas por quê, afinal, M. é contrária à ocupação do CSU? Analisando as falas de M., foram inferidos alguns dos sentidos que M. atribui à ocupação/invasão.

A invasão se trata de um estratagema político; os invasores não precisam de casa, e usam o espaço para “foguetear”. Trata-se, assim, de uma fraude, que põe em risco a integridade de seu estabelecimento comercial, a segurança de sua moradia e de sua família.

Alguns dos significados dicionarizados do termo “invasão” parecem refletir em algum grau os sentidos atribuídos por M. ao movimento. Trata-se de ato de penetrar e ocupar à força, de forma violenta (“Era os pessoal invadindo aí, cada um com um facão, e aparecia telha, pedaço de pau (...) Foi. A turma gritando quando a gente vê era a turma correndo com pau, facão”), de modo desrespeitoso, desconsiderando à vida pessoal (de M. e dos moradores do bairro), e, pode-se supor, considerando que M. possui um estabelecimento comercial no bairro, que a invasão pode *prejudicar as atividades normais ou danificar o próprio estabelecimento*.

A Roda de Fogo, comunidade vizinha ao bairro Engenho do Meio, fruto de uma ocupação ocorrida em 1987, pode representar para M. (e para os moradores do bairro) exemplo daquilo em que a ocupação do CSU pode se tornar, se nada for feito a respeito. E isso parece ser algo intuído por S., que argumenta espontaneamente em defesa da comunidade Roda de Fogo, alegando que se trata de um local mais seguro do que o Engenho do Meio, respondendo sobre “o que representa esse movimento para o bairro em geral”:

Já morei na Roda de Fogo, mas assim, o Engenho do Meio em si, sempre foi perigoso (...) Mas assim cada um na sua casa, ruas esquisitas, entendeu, acontecia as coisas e a gente 'opa, que foi aqui?', já via quando acontecia no repórter que passava (...) Totalmente diferente de Roda de Fogo.

S. busca também diminuir a responsabilidade dos moradores da comunidade Roda de Fogo pelo uso de drogas, pela prática das “coisas ilícitas” comuns no CSU, de que são acusados pelos moradores do bairro, em sua resposta sobre “pontos negativos” da ocupação:

Coisas ilícitas (...) Que não faz parte, que, que a sociedade reprime, e que é crime (...) E prejudica o movimento (...) Não que isso é do movimento, isso já existia no Engenho do Meio, só que, existia nesse espaço, antes de a gente ocupar (...) E já também existia na praça, na praça do Engenho do Meio (...) Aí vão dizer assim: é gente do movimento. Mas não é. Muitas vezes é do próprio bairro (batidas leves com o punho na mesa) é porque, dizem que a maioria é de Roda de Fogo...

Infere-se que S. quer afastar da imaginação dos moradores do bairro a narrativa ou imagem de que sua ocupação (a ocupação atual) pode vir a ser uma repetição da ocupação da Roda de Fogo, ocorrida em 1987. Talvez essa imagem pare também na imaginação dos próprios ocupantes, insinuando-se inclusive no nome da ocupação: “Ocupação Roda-Engenho”. Talvez os próprios ocupantes, como S., tomem o caso da ocupação Roda de Fogo como exemplo de resistência e conquista.

Finalmente, S. e M. parecem estar de acordo quanto à coexistência, no movimento, de “gente de bem” e de “gente de mal”. Porém, analisando as falas das duas participantes, percebeu-se detalhe que torna algo questionável essa aparente concordância. Pode-se perceber que, em algumas de suas falas, S. parece *morder e assoprar* a ocupação e os ocupantes. M., contrariamente, parece *assoprar e morder* a ocupação e os ocupantes. Para S.:

Tem gente de bem, tem gente de mal, *mas* veja, a pessoa tá ali, tá lutando é porque tem um objetivo, quer um espaço, quer a (grunhido – pssf?), uma habitação pra morar entendeu?
(...)
Tem gente do próprio Engenho do Meio que vem (...) e faz atos ilícitos, prejudica o movimento. Aqui tem gente de família, gente que trabalha (...), gente que sai pra batalhar vem aí.

Para M.:

Nessa invasão tem muita gente de bem, que a gente sabe, *mas* também tem pessoas também errada que todo mundo sabe aqui
(...)
Hoje, hoje em dia, eu tou vendo, assim, tem gente que precisa, de casa, realmente, *mas* tem gente que tá aí que não precisa, que tá aí pra foguetear (...)
E prejudica outros que tão aí que tá lutando pra ter seu pedacinho, *mas* tem gente que não precisa e tá aí dentro .
(...)
Tem gente de família que tá aí dentro, se arrisca (...), aí dentro. Tem gente que, mãe de família que fica até com medo de dormir de noite... porque uns luta pra querer seu pedacinho de terra, *mas* tem gente que não tá nem aí, só tá por vandalismo, por anarquia, por arriação, por aventura, por aventurar! Um pedacinho de terra

6 Considerações finais

Atualmente, um ano e cinco meses após a chegada dos primeiros ocupantes, a *Ocupação Roda-Engenho* parece prosperar, ao menos em termos estruturais, apresentando melhores condições de saneamento básico, uma fiação melhor distribuída entre as casas e barracos dos ocupantes, comércios - como pequenas lanchonetes e barbearia – mais frequentados, além do surgimento gradativo de casas de alvenaria, com fachadas de muros com cerâmica, onde, inicialmente, havia barracos de lona.

Os ocupantes/invasores, nos dias de hoje, tornaram-se, nos discursos de alguns moradores do bairro do Engenho do Meio – no qual reside, há sete anos, este pesquisador – moradores da “favelinha”, sugerindo tratar-se, o uso de tal termo, de uma espécie sutil de ‘compensação’ da frustração ocasionada pelo fato de que a ocupação não apenas resistiu e prosperou, mas, inclusive, o fez de modo autônomo, independentemente do apoio dos moradores do bairro (pelo contrário!), e, ainda, em circunstâncias tão adversas, como as vividas por todo o mundo e, significativamente, pelo Brasil, desde o final de fevereiro de 2020, isto é, início da pandemia do COVID-19.

Embora este estudo não permita tal generalização, o pesquisador compreende que a análise de conteúdo empreendida permitiu entrever, empiricamente, aspectos velados que não diziam respeito apenas às percepções e narrativas pontuais de M. e de S., mas que, também, refletiam (e refletem) as percepções e opiniões de muitos outros moradores do bairro do Engenho do Meio, assim como de outros ocupantes do CSU.

Buscou-se neste breve estudo conhecer os sentidos construídos por duas pessoas em situações e com histórias de vida significativamente diversas, sobre um acontecimento que afetou consideravelmente suas vidas. Para uma delas, M., o acontecimento representou medo, insegurança, violência, desrespeito, fraude (artimanha política), risco (de prejuízo ao seu estabelecimento comercial ou à integridade física e moral de seus filhos e irmãs). Para outra, o movimento de ocupação do Centro consiste em possibilidade de moradia, sonho, oportunidade de lutar, união, integração, companheirismo. Mas, também, para S., consiste em ser indesejável, “como algo de ruim”: ser ocupante, mas ser invasora.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009.

FINKEL, L.; GORDO, A. **Análisis de Contenido (Materiales didácticos)**. 2002. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/271849220_Analisis_de_Contenido_Materiales_didacticos. Acesso em: 03 dez. 2019.

INVASÃO. **Dicio: Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em
https://www.google.com.br/search?sxsrf=ALeKk02M1XfIpWoeqZu1-4UCNqOU1VxFVw%3A1615060418134&ei=wt1DYl6-B-yj5OUP1ZK9wAg&q=dicion%C3%A1rio+online&oq=dicion%C3%A1rio+online&gs_lcp=Cgnd3Mtd2l6EAMyCAgAELEDEIMBMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAAYAgguMgIILjICCAAYAgguOgcIABBHELADogQIIxAnOgUIABCxAzoECAAQQzoHCAAQsQMQQzoECC4QQzoICC4QsQMQgwE6CwgAELEDEMcBEKMCogoiABCxAxCDARBDogIABDHARCvAVCh9AFY1ooCYPOLAmgDcAJ4AIABzwGIAaYWkgEGMC4xNi4xmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpsgBCMABAQ&sclient=gws-wiz&ved=0ahUKEwi-p430uJzvAhXsEbkGHVVJD4gQ4dUDCA0&uact=5#dobs=invas%C3%A3o. Acesso em: 19 dez. 2019.

MELLO, G. **Meu bairro... Moro aqui**: Engenho do Meio. 2013. Disponível em:
<http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2013/03/meu-bairro-moro-aqui-engenho-do-meio.html>. Acesso em: 04 dez. 2019.

OCUPAÇÃO. **Dicio: Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em
https://www.google.com.br/search?sxsrf=ALeKk02M1XfIpWoeqZu1-4UCNqOU1VxFVw%3A1615060418134&ei=wt1DYl6-B-yj5OUP1ZK9wAg&q=dicion%C3%A1rio+online&oq=dicion%C3%A1rio+online&gs_lcp=Cgnd3Mtd2l6EAMyCAgAELEDEIMBMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAAYAgguMgIILjICCAAYAgguOgcIABBHELADogQIIxAnOgUIABCxAzoECAAQQzoHCAAQsQMQQzoECC4QQzoICC4QsQMQgwE6CwgAELEDEMcBEKMCogoiABCxAxCDARBDogIABDHARCvAVCh9AFY1ooCYPOLAmgDcAJ4AIABzwGIAaYWkgEGMC4xNi4xmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpsgBCMABAQ&sclient=gws-wiz&ved=0ahUKEwi-p430uJzvAhXsEbkGHVVJD4gQ4dUDCA0&uact=5#dobs=ocupa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 19 dez. 2019.

Recebido em: 06 de março de 2021.

Aceito em: 06 de setembro de 2022.